



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Paula Pinto Costa¹ & Joana Lencart²

Da violência ao culto: santos guerreiros e mártires na espiritualidade devocional da Ordem de Cristo (1462-1536)

From the violence to the cult: war saints and martyrs within the devotional spirituality of the Order of Christ (1462-1536)

Resumo:

A Ordem de Cristo, desde a sua fundação no século XIV, refletiu uma espiritualidade devocional que incluía o culto dos santos guerreiros e mártires, reflexo da sua matriz religiosa e militar, herdada já dos Templários. As fontes utilizadas para este estudo são os registos de visitas feitas às igrejas da Ordem de Cristo, entre 1462 e 1536. Através destes apontamentos, é possível reconstituir os santos venerados nas igrejas e ermidas, bem como nas capelas e nos altares no interior desses templos, em cerca de meia centena de localidades. Os santos guerreiros e mártires são particularmente cultuados em lugares associados à sede conventual e à defesa da fronteira, tanto muçulmana como castelhana.

Palavras-chave

Ordem de Cristo; Santos Guerreiros; Mártires.

Abstract:

The Order of Christ, from its beginning in the fourteenth century, reflected a devotional spirituality that included the cult of the warrior saints and martyrs, a reflection of its religious and military matrix, already inherited from the Templars. The sources used for this study are the records of visitations made to the churches of the Order of Christ between 1462 and 1536. Through these notes it is possible to identify the venerated saints in churches and hermitages, as well as in chapels and altars within these temples, in about half a hundred locations. The warrior saints and martyrs are particularly worshiped in places associated with the conventual seat and the defense of the frontier, both Muslim and Castilian.

Keywords:

Order of Christ; War Saints; Martyrs.

¹ Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Professora Associada com Agregação. E-mail: ppinto@letras.up.pt

² Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Doutora pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: joana.lencart@icloud.com

A violência como elemento definidor

A Ordem de Cristo é uma Ordem Militar com a singularidade de ter sido criada apenas no século XIV, mais concretamente em 1319. O contexto histórico imediato desta criação é a supressão da Ordem do Templo em 1312. Numa leitura mais ampla, porém, conseguem-se identificar causas que não se ligam exclusivamente à vontade de perpetuar a herança matricial dos Templários. A própria bula fundacional da Ordem de Cristo³ aponta para um programa de ação ligado à ideologia da cruzada tardia e à sua aplicação à área do estreito de Gibraltar, onde a pirataria e o corso convidavam à participação ativa de Portugal. Assim, percebe-se que os interesses económicos não sejam os únicos subjacentes a esta opção e que emergam, em simultâneo, objetivos no domínio político, religioso e cultural que se refletem na evolução histórica da Ordem de Cristo (Silva, 1997: 5-126; Costa, 2019: 73-87). O seu quadro devocional não é imune a estas questões.

Desde a formulação da sua matriz conceptual no século XII, as Ordens Militares foram associadas à concretização da guerra santa sobretudo em zonas periféricas do espaço europeu, desde o Oriente Latino, à Península Ibérica (Costa; Pimenta, 2009: 273-284) e ao Báltico (Jensen, 2014). A assunção da violência como elemento definidor de uma matriz espiritual reforça a novidade das Ordens Religioso-Militares e faz delas instituições de grande utilidade sociopolítica na cronologia em questão. Nos moldes definidos, a atuação militar foi incorporada como fator de distinção programática destas instituições face a outras Ordens Religiosas, como as Monásticas, e como fator de salvação dos freires que nelas professavam. Favorecida por esta conjuntura, a violência é incorporada na teologia cristã e legitimada como fator de pacificação, sem que isto encerrasse forçosamente um paradoxo. Ou seja, sobretudo, no quadro da história dos territórios do Oriente Latino e da Península Ibérica, a violência era canalizada para a conquista de novos espaços, que gradualmente se convertiam em territórios organizados e com traços de tendente estruturação estatal (Riley-Smith, 2009).

Tendo em consideração estas circunstâncias, importa perceber o modo como a Ordem de Cristo manifestava esta religiosidade guerreira nos seus templos e como a transpunha para o nível devocional. Uma leitura restrita sobre os santos diretamente relacionados com a atividade guerreira inclui como os mais representativos S. Sebastião, Santiago, S. Miguel e S. Jorge. A avaliação da expressão deste grupo hagiográfico entre a Ordem de Cristo é potenciada pela inclusão de outros elementos marcantes de uma sociedade em que a guerra fazia parte da sua imagem de marca e modelava comportamentos. A alusão frequente a santos que tinham conhecido o martírio como forma de punição, e em simultâneo de salvação, pode constituir um elemento de reflexão interessante no quadro da teologia da violência, típica do mundo medieval em que nos centramos. A própria realidade

³ *Monumenta Henricina*, vol. 1, 1960: 97- 110 e 110-119 (versão em latim e em português, respetivamente).

histórica da Península Ibérica, em que a reconquista foi tida como o motor fulcral, coloca em evidência a necessidade de estudos do perfil do que agora desenvolvemos.

No ocidente peninsular, em paralelo com o desenvolvimento da reconquista, ocorreu a valorização de Santiago de Compostela enquanto grande centro devocional. A lenda de Santiago é repleta de significados e reconhece ao santo vários atributos e representações. No contexto histórico em que nos situamos, a de Santiago Mata-Mouros é a mais emblemática. Trata-se, de facto, de uma síntese entre a violência e o culto, adaptada ao contexto histórico peninsular de modo particular.

A tradição de culto em torno de personagens guerreiros sobrevive para além dos tempos em que a guerra de reconquista era uma constante e projeta-se para tempos futuros. As continuidades ao longo do tempo em matéria devocional seriam muitas, como se pode perceber. Nesta medida, não surpreende a referência a este conjunto hagiográfico em tempos de transição entre a Medievalidade e a Modernidade e mesmo posteriores.

Cronologia e fontes documentais

A Ordem de Cristo foi fundada, em Portugal, em 1319, na sequência da supressão da Ordem do Templo, tornando-se sua herdeira patrimonial, como já salientamos. Ao património fundiário recebido dos Templários, a Ordem de Cristo foi acrescentando bens e igrejas que aglutinou em comendas ou adjudicou à mesa mestral, resultantes de doações régias e particulares. Estas circunstâncias históricas contribuem para o perfil territorial da nova instituição. A sua grande exposição ao poder régio far-se-ia sentir também ao nível de algumas opções relacionadas com a gestão dos bens que a Ordem geria. Por exemplo, em 1411, D. João I dotara a Casa do Infante D. Henrique com um património que geograficamente se situava na mesma área, ou em zonas contíguas, ao da Ordem de Cristo. Assim se compreende que, em 1420, D. Henrique tenha recebido de seu pai a administração desta Ordem. A expansão ultramarina representará também uma dilatação do património da Ordem de Cristo, em virtude de o infante D. Henrique ter sido o seu principal promotor na primeira metade do século XV. Em consequência, em 1456, Nicolau V entrega à Ordem o domínio e jurisdição espiritual sobre todas as terras descobertas e a descobrir ao longo da costa africana⁴. Sem que as fontes documentais que utilizamos tragam qualquer informação neste sentido, convém ter presente a propagação de referentes devocionais por intermédio dos freires em território além-mar, miscigenando-os com tradições locais. A Ordem de Cristo, desde o início

⁴ Bula “*Inter cetera que nobis*”, de 13 de março de 1456 (publ. *Monumenta Henricina*, vol. XII, doc. 137, p. 286-287).

refletiu uma ligação estreita com a Coroa que se intensificou e até chegou a fundir-se. A partir de 1495, a governação da Ordem é assumida pelo próprio rei D. Manuel, na continuidade da sua atuação como Mestre-Governador já desde 1484.

A cronologia selecionada para este trabalho está balizada entre 1462 e 1536, anos que correspondem aos registos de visitas conhecidos para a Ordem de Cristo, entre os meados dos séculos XV e XVI (Costa, 2012: 415-437; Lencart, 2018: 65-68), altura esta em que se verificaram transformações de fundo relacionadas com a incorporação definitiva das Ordens de Cristo, de Santiago e de Avis na Coroa⁵. Foram identificados registos, com informação de caráter hagiográfico, para os anos 1462⁶, 1505⁷, 1507 (Dias, 1979: 3-192) e 1536⁸. Se das visitas feitas até à década de 60 do século XV não se conhecem os respetivos relatórios resultantes da atividade dos visitantes, para o período indicado (1462-1536) são vários os textos conhecidos e que vão reportando uma situação muito estável ao longo do tempo. Por seu turno, os registos que se conservam de meados dos anos 30 do século XVI são particularmente interessantes, pois foram produzidos no âmbito da reforma da Ordem encomendada pelo rei a Fr. António de Lisboa (Silva, 2002). Em 74 anos foram visitadas cerca de meia centena de localidades, dispersas territorialmente numa área que corresponde à linha norte do rio Tejo, com especial concentração junto a Tomar, na zona da Beira Interior e de Trás-os-Montes, ambas perto da fronteira com Castela. Este conjunto espelha completamente a área de implantação da Ordem de Cristo. Em certos casos, as visitas reincidem nos mesmos locais. Entre estes, apenas se contabilizaram uma vez os santos patronos e os que adornavam os diversos altares das respetivas igrejas, capelas e ermidas. Outras vezes, apesar de se conhecer a localidade visitada, não é nomeado qualquer templo, pelo que não puderam ser incluídos neste estudo.

Nem sempre é fácil determinar a categoria do espaço sagrado visitado, pois é nomeado de diferentes maneiras pelos autores dos textos das visitas. Por exemplo, na comenda do Marmeleiro, o mesmo templo dedicado a Santa Catarina é classificado ora como capela, ora como ermida⁹. Há ainda o caso de Santo Aleixo, no Beco no termo da vila de Dornes, que foi designado como ermida e na visita seguinte já é apontado como igreja paroquial, estatuto que tinha alcançado entre os

⁵ *As Gavetas da Torre do Tombo*, Lisboa, vol. II, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 60-68 e p. 391-399.

⁶ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 13, n.º 2, doc. 2; TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 44, s./n.º; TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 56, s./n.º.

⁷ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n.º 2.

⁸ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268.

⁹ *Tombo da Ordem de Cristo: Comendas da Beira interior centro (1508)*. (Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2009), 134.

dois momentos de visita¹⁰. Outras vezes, ainda, os registos de visitação encontram-se incompletos, ou truncados, dando uma informação parcial acerca da localidade visitada. Devemos também ter presente que estes registos refletem uma intencionalidade do seu produtor, que anotava uma determinada informação que naquele momento importava registar por razões nem sempre expressas ou perceptíveis. Apesar destas limitações, as visitas revelam ser fontes de inegável riqueza para o estudo da espiritualidade e da devoção das Ordens Militares, em geral, e da de Cristo, em particular, domínios que carecem de estudos aprofundados (Fernandes, 2010).

As igrejas, capelas e ermidas visitadas refletem uma profunda devoção mariana, uma grande amplitude de devoções hagiográficas e uma marcada veneração cristológica.

Segundo as fontes documentais indicadas, foram 57 as localidades inspeccionadas pelos visitantes da Ordem de Cristo. Nelas foram contabilizadas um total de 80 igrejas e de 28 ermidas, com independência dos santos venerados no seu interior¹¹. De uma maneira geral, as ermidas refletem uma devoção mais popular, enquanto as igrejas representam uma religiosidade mais oficial ou institucional que, no caso da Ordem de Cristo, está muito próxima dos círculos de poder. Assim se compreende que, na Ordem de Cristo, as igrejas sejam muito mais numerosas do que as ermidas, ao contrário do que acontece, por exemplo, na Ordem de Avis, mais marcada por experiências de espiritualidade popular no quadro das diversas ermidas que tinha sob a sua administração. Esta situação tem alguns paralelismos com a Ordem de Calatrava a que Avis está filiada (Torres Jiménez, 2005: 37-74; Costa; Torres Jiménez; Lencart, 2019). A fundação de algumas das igrejas e ermidas da Ordem de Cristo poderia ser anterior à sua administração por parte já da Ordem do Templo e mesmo da de Cristo, o que significa que o santo patrono pode não ter sido escolhido por nenhuma delas. Nestes casos, os templos das Ordens apenas herdaram uma invocação e um santoral vindo de tempos anteriores e que pode refletir as mais profundas tradições culturais e religiosas que não são exclusivas destas instituições. A análise destes aspetos devocionais ao longo de uma diacronia mais ampla abre questões a explorar.

O estudo do perfil devocional das Ordens Militares de cariz cisterciense tem estado no centro das nossas investigações mais recentes. Inclusivamente, o recurso à história comparada, focada em Portugal e no Campo de Calatrava, tem permitido alcançar resultados muito interessantes (Costa; Torres Jiménez; Lencart, 2019).

¹⁰ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 56v.

¹¹ Mais de metade das igrejas eram consagradas a Nossa Senhora e aos seus diferentes atributos (Conceição, Graça, Ajuda), de entre as 28 ermidas, 7 eram dedicadas à Mãe de Cristo. Segundo os registos de visitas, havia 37 altares-mores e 17 altares secundários dedicados à Virgem.

As representações hagiográficas que estimulavam a piedade devocional eram alvo de preocupações por parte de quem tinha de administrar os templos. As orientações dadas pelos visitantes espelham, por um lado, as necessidades mais imediatas dos espaços sagrados das localidades alvo das visitas e, por outro, as imposições ordenadas pelos administradores da instituição. Nestas exigências é possível adivinhar as orientações devocionais que se procuravam impor.

Em questões de devoção em favor de figuras hagiográficas, a Ordem de Cristo estava especialmente focada na veneração de santos guerreiros, de mártires e de apóstolos, frequentemente também distinguidos pelo martírio.

Santos guerreiros e mártires cultuados

A identificação dos santos guerreiros e dos mártires cultuados nos templos confiados à Ordem de Cristo é um exercício fundamental para se aprofundar o conhecimento sobre a espiritualidade devocional vivida à sombra desta Ordem Religioso-Militar, tanto por parte dos freires que nela professavam, como por parte dos fiéis que frequentavam esses espaços de oração. A informação sistematizada na tabela 1, para além de entrar em linha de conta com os oragos a que estavam dedicados os espaços sagrados em análise, reporta-se às representações escultóricas e/ou iconográficas existentes desde o altar-mor aos diversos altares situados no interior dos templos, passando por outros espaços como o arco do cruzeiro ou da ousia (isto é, a capela mor) que separava a área principal do corpo ou da nave do mesmo.

As representações escultóricas e/ou iconográficas registadas não se restringem às igrejas, ermidas e capelas especificamente dedicadas a santos guerreiros e a mártires. São, pelo contrário, relativas ao universo de templos alvo das visitas escolhidas como fonte documental desta análise.

Costa, Paula Pinto & Lencart, Joana
 Da violência ao culto:
 santos guerreiros e mártires na espiritualidade devocional da Ordem de Cristo (1462-1536)
www.revistarodadafortuna.com

Tabela 1 – Santos guerreiros e mártires representados nos templos da Ordem de Cristo

| Santos | Oragos dos templos | | | Relíquias | Representações escultóricas / iconográficas | | | TOTAL |
|---------------------|---------------------|-----------|----------|-----------|---|-----------|----------|------------|
| | Mártires/Guerreiros | Igreja | Ermida | | Capela | Altar-mor | Altares | |
| S. Sebastião | 1 | 3 | 1 | | 2 | 22 | | 29 |
| Santa Catarina | | | | | | 16 | 1 | 17 |
| S. Brás | | | | 1 | | 16 | | 17 |
| S. Pedro | 5 | 2 | | | 5 | 2 | | 14 |
| Santiago | 2 | | | | 2 | 5 | 1 | 10 |
| S. Miguel | 4 | | 1 | | 2 | 2 | | 9 |
| S. Bartolomeu | 2 | 1 | | | | 6 | | 9 |
| S. João Batista | 3 | | | | 5 | 1 | | 9 |
| S. Lourenço | 1 | 1 | | | 1 | 3 | | 6 |
| Stº Estêvão | 1 | | | | 2 | 1 | | 4 |
| S. Vicente | | 2 | | | | 1 | | 3 |
| Santa Margarida | 1 | | | | 1 | 1 | | 3 |
| Stº André | | 1 | | | 1 | | | 2 |
| Sta. Luzia | | | | | 1 | 1 | | 2 |
| S. Paulo | | | | | 1 | 1 | | 2 |
| S. Jorge | | | | | | 2 | | 2 |
| S. Mateus | 1 | | | | 1 | | | 2 |
| S. João Evangelista | 1 | | | | 1 | | | 2 |
| Santa Iria | 1 | | | | | | | 1 |
| S. Urbano | | | | | | 1 | | 1 |
| S. Simão | | | | | | 1 | | 1 |
| Santa Bárbara | | | | | | 1 | | 1 |
| S. Mamede | 1 | | | | | | | 1 |
| TOTAL | 24 | 10 | 2 | 1 | 25 | 83 | 2 | 147 |

Autoras: Paula Pinto Costa & Joana Lencart

Os dados que constam na tabela 1 resultam da interpretação do registo feito pelos oficiais da Ordem de Cristo entre 1462 e 1536. Em suma, havia 24 igrejas, 10 ermidas, 2 capelas, 25 altares-mores e 83 altares laterais dedicados a santos guerreiros e a mártires.

Tendo em conta a tipologia dos templos referidos nas fontes documentais consultadas, deve sublinhar-se a supremacia das igrejas dedicadas a santos guerreiros e a mártires face às ermidas e às capelas que invocavam essas mesmas figuras.

Observando a tabela 1, em termos quantitativos, insinuam-se três grupos de santos, sendo que no último incluímos os que contam com seis ou menos menções. No cômputo global, o santo mais frequente é S. Sebastião, seguido a grande distância por Santa Catarina e S. Brás. No entanto, se individualizarmos apenas os oragos associados à designação de um templo e não contabilizarmos os altares, esta hierarquia inverte-se, aparecendo em primeiro lugar S. Pedro, seguido de S. Miguel e de S. Sebastião. Só por si esta constatação não tem grande significado. Fazendo, porém, uma observação mais ampla, que inclua todos os oragos dos templos da Ordem de Cristo, verifica-se que Santa Maria é largamente o preferido, o que contribui para uma leitura mais real das expressões devocionais (Costa; Torres Jiménez; Lencart, 2019).

Por sua vez, a menção a relíquias é ínfima, facto que nos surpreende, dada o acesso privilegiado que as Ordens Militares tinham aos meios especialmente abundantes neste tipo de objetos de culto. No acervo que toca os guerreiros e mártires, reduz-se apenas a S. Brás, cujas relíquias estavam na igreja de Santa Maria do Olival, em Tomar, onde havia um altar dedicado a este santo (Dias, 1979: 91). Esta igreja é muito carismática. Fundada no século XII por D. Gualdim Pais, foi usada como uma espécie de panteão de homens ilustres da Ordem do Templo, memorados em inscrições funerárias aí colocadas (Barroca, 2000, inscrição 203, 267, 477 e 520). Este prestígio é compatível com a existência de, pelo menos, oito altares no seu interior (Dias, 1979: 89). Apesar de esta igreja estar munida de um significativo conjunto de altares, que contrasta com os dois ou três que mais frequentemente preenchem o interior dos templos da Ordem de Cristo, aquando da reforma feita por Fr. António de Lisboa nos anos 30 do século XVI ainda viu reforçado este aparato. Este reformador, depois de ter mandado destruir a sacristia e uma capela, ordenou a realização de cinco capelas e de uma sacristia espaçosa (Lencart, 2018: 217).

A espacialidade da oração no interior dos templos é praticamente impossível de reconstruir e recriar a uma distância de quase 500 anos. Ou seja, não se sabe a que altares se dirigiam os devotos, nem que percursos fariam dentro dessas casas de oração. Percebe-se que há santos associados a espaços laterais dos templos, dado que não são referidos como estando no altar-mor, como acontece com Santa Catarina, S. Brás, S. Bartolomeu, S. Vicente, S. Jorge, S. Urbano e S. Simão, embora alguns destes pudessem ser os patronos dos templos em questão. Geralmente, os

altares-mores eram dedicados a Santa Maria e a outras figuras maiores da Igreja, algumas ligadas a Cristo, como S. Pedro e S. João Batista, ambos representados em cinco altares-mores, de acordo com as visitasões. Se excetuarmos Santa Maria, uma referência universal, o altar-mor poderia não ser dedicado ao santo patrono da igreja. Houve ocasiões em que tal não se verificava, o que gerou surpresa entre os próprios visitantes. Assim aconteceu na igreja de S. Martinho de Pombal¹² ou na de S. João da Praça, da Redinha, onde não é feita qualquer referência a S. João¹³. Pelo contrário, na igreja de Santiago de Soure, determinaram estes oficiais que fosse feito um retábulo com a invocação de Santiago para o altar-mor, em reforço do que já existia, em virtude de o retábulo que aí estava ser velho, pequeno e desajustado em relação ao tamanho do próprio altar¹⁴.

Por outro lado, há personagens hagiográficos que nunca são apontados como patronos da invocação de um templo. São eles Santa Catarina, S. Brás, Santa Luzia, S. Paulo, S. Jorge, S. Urbano, S. Simão e Santa Bárbara. Quase só as anotações feitas pelos visitantes fornecem alguma pista útil à aproximação à espacialidade dos templos numa perspectiva religiosa. Mas, poderia haver outros elementos que não mereceram o registo escrito por parte desses oficiais, o que torna os relatórios feitos sob a sua supervisão forçosamente parciais. Por exemplo, os túmulos no interior das igrejas poderiam ter representações interessantes e dar origem a manifestações no domínio da religiosidade que nos escapam por completo hoje em dia.

Para complementar este ensaio de aproximação à espacialidade das figuras inspiradoras em termos devocionais dentro dos edifícios de oração, deve salientar-se que em relação ao cruzeiro ou ao arco da ousia são referidas apenas uma representação de Santa Catarina e uma outra de Santiago que evocam a dimensão militar e martirial que estudamos. Embora se tratasse de um lugar habitualmente decorado, as preferências não incluíam esta categoria de santos guerreiros. Neste sítio, por norma, estava representado Cristo crucificado ladeado por Nossa Senhora e S. João¹⁵, o que na realidade, é também a representação do martírio do próprio Cristo. S. João, chamado o discípulo preferido de Jesus, não se inclui nos santos guerreiros, mas poderá ser incluído na categoria dos mártires. Segundo a tradição, apesar de ter sido sujeito ao martírio do azeite a ferver, por uma graça divina, não sofreu qualquer padecimento (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 187).

A identificação dos santos referidos nas visitasões, enriquecida com uma ou outra nota breve sobre o seu percurso histórico, atributos e representações mais frequentes é um contributo essencial para nos aproximarmos das razões que

¹² TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 5v.

¹³ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fls. 32-34v.

¹⁴ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 21 e fl. 25v.

¹⁵ Assim foi registado pelos visitantes em relação a 31 templos da Ordem de Cristo.

poderiam justificar a sua presença nos espaços de culto colocados sob a responsabilidade da Ordem de Cristo. Para o fazermos usamos a obra de L. Réau, *Iconografia del arte cristiano*, em que o autor sistematiza a informação necessária ao enquadramento da nossa reflexão.

A identificação dos santos representados nos templos da Ordem de Cristo revela uma supremacia clara de S. Sebastião. Em contraste com os cinco espaços de culto que lhe são dedicados, destacam-se as suas 22 representações dispersas por vários altares. Numa perspetiva histórica, Sebastião nasceu na Gália e foi centurião da primeira coorte militar romana durante o governo do imperador Diocleciano. Trata-se de um santo com grande popularidade em tempos medievais. Com efeito, depois de S. Pedro e de S. Paulo é aceite como o terceiro patrono de Roma, o que alimenta o seu prestígio. É o primeiro santo a quem se reconhece poder de intervenção contra a peste, atributo crucial na cronologia em estudo, pela incapacidade de controlar facilmente a doença em termos gerais. Em virtude desta circunstância, S. Sebastião foi integrado no conjunto dos Catorze Auxiliadores e comparado a Cristo pelos sofrimentos a que foi submetido, sobretudo durante o seu martírio (Réau, 2002, tomo 2, vol. 5: 193-203). Assim, ultrapassando uma índole exclusivamente guerreira, este santo é também venerado pelas suas capacidades curativas.

Santa Catarina e S. Brás, iguais em termos da sua representação quantitativa no universo em estudo, seguem-se a S. Sebastião. Catarina de Alexandria é uma mártir, representada com os objetos de tortura e muito emblemática no contexto da história do Cristianismo, apesar de as narrativas que a imortalizam serem tardias, como o Menológico de Basílio e a Legenda Dourada. De acordo com este último texto, Santa Catarina está associada a Santa Bárbara (Réau, 2000, tomo 2, vol. 3: 273-283). Por razões que não são avançadas no documento, mas que podemos adivinhar relacionarem-se com a devoção dos fiéis ou mesmo com o mau estado de conservação de alguma representação, na igreja de Santa Maria de Alcains, havia duas imagens desta santa no mesmo altar¹⁶. Por sua vez, S. Brás foi martirizado com um pente de ferro e decapitado. Este objeto caracteriza a representação desta figura que, por vezes, também aparece com uma mitra devido ao facto de ter sido bispo de Sebaste. Os seus devotos procuram nele proteção contra a doença, pelo que é classificado como um santo taumaturgo e curador, justificando a sua inclusão no grupo dos Catorze Auxiliadores (Réau, 2000, tomo 2, vol. 3: 229-235). Tendo em linha de conta as fontes documentais usadas, segue-se S. Pedro, facto que se pode considerar natural, dada a sua relevância ao nível do apostolado cristão. Reza a tradição que esteve preso e que foi cruzificado. Segundo Réau, o seu culto foi difundido no ocidente europeu pela Ordem de Cluny (Réau, 2002, tomo 2, vol. 5: 43). Tendo a Ordem de Cristo uma matriz beneditina, clarifica-se o sentido da profusão deste santo no interior dos seus templos.

¹⁶ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, mç 66, nº 2.

Na hierarquia das menções quantitativas, seguem-se Santiago, S. Miguel, S. Bartolomeu e S. João Batista. O apóstolo Santiago Maior, irmão de S. João Evangelista, foi um dos primeiros a ser chamado à conversão, sendo um discípulo direto de Cristo. Assistiu, juntamente com Pedro, à agonia de Cristo no Monte das Oliveiras e ele próprio acabaria por ser degolado. Segundo a lenda, depois de martirizado, o seu corpo aportou à Galiza, facto profundamente relacionado com a promoção da peregrinação a Compostela, para veneração das suas relíquias. Por esta razão, é patrono dos peregrinos e dos cavaleiros. Uma das facetas célebres de Santiago é a sua ação enquanto mata-mouros (Réau, 2002, tomo 2, vol. 5: 169-183). Neste grupo podemos incluir também S. Miguel, isto é, o mais popular dos arcanjos. Para Réau “Es un guerreiro, un caballero, el archiestratega o el condestable de las milicias celestiales”. É visto como um defensor da Igreja e um psicopompo com papel reconhecido na condução das almas no dia do juízo final (Réau, 1999, tomo 1, vol. 1: 67-77). S. Bartolomeu é outro mártir cristão e apóstolo, que, segundo a lenda, após a morte de Cristo teria evangelizado as zonas da Arábia, Mesopotâmia e Arménia (Réau, 2000, tomo 2, vol. 3: 180-184). E, ainda, com um número de representações que o fazem pertencer ao segundo escalão, aparece S. João Batista que no seio da Igreja tem um primado indiscutível. Dado como o precursor de Cristo, é representado tanto em criança como em adulto e é um dos mártires mais icónicos da história do Cristianismo, podendo ser considerado mesmo o primeiro dos mártires da fé de Cristo e um dos santos curadores (Réau, 1999, tomo 1, vol. 1: 488-521).

Por fim, o terceiro grupo é composto por 16 santos que contam com seis ou menos menções entre os livros de visitação. À cabeça, S. Lourenço, diácono, que foi martirizado em Roma. Apesar de não ser protomártir, foi considerado o mais meritório dos mártires pela crueldade do martírio a que foi submetido (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 255-261). Santo Estêvão foi também diácono e é o primeiro mártir cristão, recebendo o epíteto de protomártir, e um dos santos curadores. As suas relíquias juntaram-se com as de S. Lourenço (Réau, 2000, tomo 2, vol. 3: 459-472). S. Vicente é outro mártir venerado nas igrejas da Ordem de Cristo. Em 1173, as suas relíquias foram trasladadas para Lisboa, depois de terem passado pelo Cabo de S. Vicente no Algarve. É padroeiro dos navegantes e tem um lugar nos famosos painéis de S. Vicente para comemorar as vitórias portuguesas em Marrocos (Réau, 2002, tomo 2, vol. 5: 322-328). Por sua vez, Santa Margarida é recordada como vítima de um ataque de um dragão, tendo-o vencido ao perfurar-lhe o ventre com um crucifixo. Esta santa integra o grupo dos Catorze Intercessores, à semelhança de outros já mencionados (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 329-334). Santo André, provavelmente o apóstolo, foi mártir e tem como atributo mais comum uma cruz aspada em forma de X (Réau, 2000, tomo 2, vol. 3: 86-95). Santa Luzia é outra mártir entre a plêiade de santos venerados nos espaços sagrados em análise (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 267-271). Entre eles, também aparece S. Paulo, mártir, que desempenhou um papel crucial na difusão do Cristianismo, podendo ser considerado o verdadeiro fundador desta religião. Associado com S. Pedro é o

segundo patrono de Roma e são ambos os protetores dos cluniacenses, que integram a família dos beneditinos. Era um homem culto e mentor de um programa muito exigente, o que fez dele um santo venerado sobretudo por teólogos e cavaleiros. Não sendo muito popular, a sua representação iconográfica é escassa, o que também acontece no conjunto dos templos da Ordem de Cristo (Réau, 2002, tomo 2, vol. 5: 6-23).

Embora só referido duas vezes pelos visitantes, S. Jorge é, por excelência, uma figura ligada à guerra. Foi megalomártir e tornou-se famoso por ter matado um dragão com a sua lança. O seu culto foi adotado pelos cruzados na Terra Santa e a partir do século XVI perdeu importância, talvez em função da assunção da artilharia e das novas formas de combate. S. Jorge é, por norma, representado com uma armadura de cavaleiro, a pé ou a cavalo, com o dragão aos pés, uma lança partida, uma espada desembainhada, um escudo com uma cruz estampada e uma bandeira branca com uma cruz vermelha (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 153-162). Note-se que a simbólica da Ordem de Cristo tem forte ligação a todo este aparato iconográfico. Por seu turno, S. Mateus é conhecido como mártir, evangelista e apóstolo e protetor dos cambistas e banqueiros (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 370-375). S. João Evangelista foi outro mártir e apóstolo a quem se prestava culto nas igrejas em apreço. Curiosamente é o patrono dos teólogos e dos copistas de manuscritos (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 186-199).

Com apenas uma referência regista-se Santa Iria, S. Urbano, S. Simão, Santa Bárbara e S. Mamede. Brevíssimas notas a respeito deste conjunto de santos ajudam a esclarecer o assunto. Santa Iria, nasceu em Tomar, a localidade da sede conventual da Ordem de Cristo, e foi martirizada com setas, um pouco à semelhança de S. Sebastião (Réau, 2001, tomo 2, vol. 4: 119). A relevância de Santa Iria ao nível local justifica que a sua história fosse contada num livro grande, chamado do *Bezerro*, que se encontrava depositado na igreja do Olival em Tomar (Lencart, 2018: 217). Santa Bárbara, por sua vez, foi martirizada por se ter recusado a renegar o Cristianismo. No Ocidente, a sua popularidade remonta só ao século XV, o que é compatível com a baixíssima representação entre o universo de templos que analisamos. Santa Bárbara é protetora dos militares e relacionada com uma forma de vida ativa e costuma ser associada a Santa Catarina, patrona dos clérigos e da vida contemplativa (Réau, 2000, tomo 2, vol. 3: 169-178). Por último, S. Urbano, S. Simão e S. Mamede são outros três mártires venerados nas igrejas da Ordem de Cristo, segundo as visitas dos séculos XV e XVI.

Feita esta sistematização dos santos que selecionamos a partir dos livros de visita da Ordem de Cristo, anotada com as principais informações conhecidas a seu respeito, detetam-se alguns elementos de enquadramento da devoção e da espiritualidade desta Ordem Militar. Independentemente da representatividade numérica dos santos guerreiros e dos mártires, entre eles encontram-se um horizonte de referências e de elementos significativos que podem ter tido influência

na adoção do seu culto. Se a escolha de um orago não era casuística e refletia a intervenção da Ordem e do bispo com jurisdição sobre o território em questão, a aquisição ou a oferta de um santo para colocar num altar já poderia não depender das opções da instituição e ser resultado da piedade devocional de um ou outro fiel.

Embora não se tratando especificamente de um santo guerreiro, há anotações nas visitas que chamam a atenção para a intervenção dos comendadores ao nível do cuidado e do reforço das imagens hagiográficas. Ora motivados pela devoção, ora obrigados a dar resposta às exigências dos próprios visitantes, os comendadores tiveram um papel determinante ao nível da ornamentação dos espaços sagrados. Assim aconteceu, por exemplo, com o comendador de Alençarce, em funções na zona de Soure, que por devoção a S. Tomé mandou reparar uma ermida em sua honra e provê-la de uma imagem bem pintada do mesmo santo (Dias, 1979: 131). Também o comendador de Mogadouro foi instruído a mandar fazer um retábulo para o altar da igreja de Santa Maria, em que mandaria pintar a imagem da Virgem e outras figuras “em que elle tiver devaçom” (Dias, 1979: 27). Por razões distintas e decorrentes das obrigações fixadas pelos visitantes, o comendador de Alcains recebeu instruções para colocar no altar-mor da igreja de Santa Maria uma imagem da Virgem feita em pedra ou em madeira¹⁷. Curiosa é a determinação imposta ao comendador da Redinha de ornamentar os altares da igreja de Nossa Senhora, sem outras especificações, à exceção da que obriga à pintura de Nossa Senhora com tintas finas e ouro. Assim, parece haver lugar à livre iniciativa do comendador local no que toca à dotação artística da igreja (Dias, 1979: 135-136). Por fim, e sem se perceber por que motivos, o comendador da Reigada mandou fazer um retábulo para o altar-mor da igreja de Nossa Senhora do Pereiro (Dias, 1979: 3-10).

Pese embora a denúncia do mau estado de conservação de alguns templos e dos seus espólios, os espaços de culto eram continuamente renovados e dotados de imagens hagiográficas diversas. Eram, pois, espaços vivos e em transformação. Na igreja de S. Pedro da Bemposta, pertencente à comenda de Mogadouro, os visitantes mandaram colocar um retábulo com a imagem do seu patrono S. Pedro, tendo em conta que a escultura colocada no altar-mor estava velha (Dias, 1979: 31). Ressalve-se, porém, que a partir das fontes documentais usadas para este trabalho não é possível saber o momento de consagração dos templos aos oragos indicados, nem tão-pouco o momento exato de incorporação das imagens escultóricas e da realização das pinturas existentes nesses mesmos templos. Por norma, as determinações dos visitantes distinguem os espaços de intervenção no interior das igrejas. Ou seja, se aos comendadores ficava reservada a capela mor, aos fiéis ficava o encargo de zelar e dotar os altares distribuídos pelas naves das mesmas, sendo natural que as devoções pessoais se refletissem em algumas campanhas de intervenção.

¹⁷ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n.º 2.

Para nos aproximarmos da representatividade dos santos guerreiros e dos mártires nos templos da Ordem de Cristo, tivemos em consideração os oragos, os altares com escultura ou com pintura ou mesmo os retábulos a eles dedicados, segundo os registos feitos pelos visitantes. Há, então, três tipos de associações distintas entre si. De longe a que mistura guerreiros e mártires é a mais comum e ocorre em quase 30 igrejas. Para além da frequência de S. Sebastião, a que já fizemos referência anterior, este santo aparece associado sobretudo a S. Brás (em nove igrejas) e a Santa Catarina (em oito igrejas). Há outras situações, em que nas igrejas abordadas não aparecem santos guerreiros, mas em que há vários mártires alvo de culto. Nestes casos, a primazia recai sobre Santa Catarina e S. Brás, reunidos em cinco igrejas, e em S. Brás e S. Bartolomeu, assim referidos em quatro igrejas. Por fim, uma terceira categoria, muito mais rara, é a que contempla vários santos guerreiros dentro de uma mesma igreja. São eles S. Miguel e S. Sebastião, o que acontece em três igrejas, e S. Miguel e Santiago em apenas uma.

Há relações históricas e lendárias entre santos, feitas pela própria Igreja, e que ultrapassam largamente o contexto da Ordem de Cristo. Esta instituição dá mostras de acolher algumas dessas associações patrocinadas pela teologia cristã. Uma delas é a clássica ligação entre S. Pedro e S. Paulo, cujas estátuas se encontravam no altar-mor da igreja de Nossa Senhora da Graça da comenda de Ega (Dias, 1979: 55). Outra é relativa a Santa Catarina e a Santa Bárbara, o que se verifica num altar da igreja de S. João da Redinha¹⁸. Se o peso simbólico de Santa Catarina é indiscutível entre a piedade devocional medieval, o significado da adoção de Santa Bárbara por parte da Ordem de Cristo encontra também uma razão especialmente forte. Ou seja, Santa Bárbara ao proteger os militares e, de algum modo, aqueles que se dedicavam a uma vida ativa, e Santa Catarina ao ser patrona dos clérigos e dos que abraçavam a vida contemplativa (Réau, 2000, tomo 2, vol. 3: 169-178), refletem ambas a dualidade da missão da Ordem de Cristo.

Os santos guerreiros propriamente ditos, entre o universo em estudo, eram S. Sebastião, Santiago, S. Miguel e S. Jorge. Analisada a informação que consta nas fontes documentais consultadas é possível estabelecer um padrão no recurso aos referidos santos guerreiros. Parecem ter sido atribuídos a lugares emblemáticos e obedecer a critérios pré-definidos. Estes quatro santos guerreiros estão presentes em igrejas que se situam em dois tipos de lugares essenciais no contexto da história da Ordem de Cristo e também já no da Ordem do Templo que a precedeu. Os santos guerreiros estão exclusivamente integrados em templos que se localizam tanto na área da fronteira transmontana e beirã, ambas com o reino de Castela, como na área de implantação original da Ordem do Templo e depois da de Cristo. Soure, Castelo Branco e Tomar foram os principais lugares das casas conventuais destas Ordens e que acolheram estes santos militares. Esta localização estratégica, em sintonia com a linha progressiva de reconquista, insinua a valorização que a Ordem faria entre a

¹⁸ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 32v.

proteção destes santos e as desejadas vitórias no campo de batalha. A título de curiosidade, recorde-se que no momento imediatamente anterior à batalha de Aljubarrota, o Condestável D. Nuno Álvares Pereira fez uma invocação muito simbólica de S. Jorge (Monteiro, 2003; Monteiro, 2017).

Os dados são de tal modo interessantes que merecem um destaque. S. Sebastião era reverenciado de modo equivalente nos templos localizados nas principais zonas de fixação da Ordem. Assim, na área de implantação original da Ordem do Templo e, depois, da de Cristo, S. Sebastião era venerado nas igrejas de S. Miguel de Porrais (Dias, 1979: 101), de Santa Maria Madalena (Dias, 1979: 103), de Santa Maria da Serra (Dias, 1979: 105), de Santa Maria da Sabacheira (Dias, 1979: 110), de S. Pedro de Alviobeira (Dias, 1979: 107) e na de Santa Maria dos Casais (Dias, 1979: 108), todas no termo de Tomar. O mesmo acontecia na igreja de Nossa Senhora do Pranto, em Dornes¹⁹, na de Nossa Senhora da Graça, no cabo da vila de Ega²⁰, na de Santiago de Soure (Dias, 1979: 62) e na de S. Mateus, no limite da mesma vila²¹, na de Vila de Rei²² e na de Santa Maria de Casével, no termo de Santarém (Dias, 1979: 189). Nos templos localizados em zonas de fronteira com o vizinho reino de Castela, S. Sebastião era venerado na igreja de Nossa Senhora do Pereiro, na comenda da Reigada (Dias, 1979: 5), na de S. Martinho do Peso, termo da vila de Penas Roias, comenda do Mogadouro (Dias, 1979: 27), na de Nossa Senhora de Proença²³, na de S. Miguel da Acha, no termo da vila de Proença²⁴, na de Nossa Senhora de Pena Garcia²⁵, na de Nossa Senhora de Alcains²⁶, na de Santa Margarida, no lugar da Mata, termo de Castelo Branco²⁷, na de S. Lourenço da Coelheira, anexa à Lardosa²⁸, na de Santo Estêvão da Póvoa, no termo de Castelo Novo²⁹, na de Nossa Senhora de Idanha-a-Velha³⁰ e na de Santa Maria de Salvaterra do Extremo³¹.

¹⁹ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 50v.

²⁰ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 36.

²¹ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 28.

²² TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 56.

²³ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, fl. 117v.

²⁴ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, fl. 120v.

²⁵ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, fl. 124.

²⁶ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 58.

²⁷ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 112v.

²⁸ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, fl. 116v.

²⁹ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 71.

Costa, Paula Pinto & Lencart, Joana
Da violência ao culto:
santos guerreiros e mártires na espiritualidade devocional da Ordem de Cristo (1462-1536)
www.revistarodadafortuna.com

Por sua vez, Santiago era venerado na igreja de Nossa Senhora de Proença³² e na de Santa Maria de Alcains³³, ambas em território de fronteira, e na de Santiago de Soure (Dias, 1979: 61), local de fundação da Ordem do Templo.

No que diz respeito a S. Miguel, está documentada a sua veneração preferencialmente na zona de implantação original das Ordens do Templo e de Cristo, em particular nas igrejas de S. Miguel de Ferreira de Zêzere³⁴, na de S. Miguel de Pinheiro de Ázere (Dias, 1979: 51) e na de S. Miguel dos Porrais, no termo de Tomar (Dias, 1979: 101). Em território de fronteira, S. Miguel era cultuado em duas igrejas em Proença, a saber, na de Nossa Senhora³⁵ e na de S. Miguel da Acha, no termo da vila³⁶.

Por fim, S. Jorge era venerado na igreja de Santa Maria de Finisterra, junto ao castelo de Soure³⁷, local de implantação original da Ordem do Templo, e na igreja de Santa Maria da Conceição, localidade de fronteira em Idanha-a-Nova³⁸.

Na tabela seguinte, é sistematizada a informação relativa aos santos guerreiros venerados pela Ordem de Cristo, nos seus territórios de implantação.

³⁰ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, fl. 128.

³¹ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 134.

³² TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, fl. 117v.

³³ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, s./fl.

³⁴ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 56.

³⁵ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, m. 66, n° 2, fl. 117v.

³⁶ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 121v.

³⁷ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 19v.

³⁸ TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, liv. 268, fl. 125.

Costa, Paula Pinto & Lencart, Joana
 Da violência ao culto:
 santos guerreiros e mártires na espiritualidade devocional da Ordem de Cristo (1462-1536)
www.revistarodadafortuna.com

Tabela 2 - Santos guerreiros venerados pela Ordem de Cristo (Visitações de 1462-1536)

| | S. Sebastião | Santiago | S. Miguel | S. Jorge |
|-----------------------|--------------|----------|-----------|----------|
| Acha (Proença) | F | | F | |
| Alcains | F | F | | |
| Alviobeira (Tomar) | S | | | |
| Casais (Tomar) | S | | | |
| Casével | S | | | |
| Coelheira (Lardosa) | F | | | |
| Dornes | S | | | |
| Ega | S | | | |
| Ferreira Zêzere | | | S | |
| Idanha-a-Nova | | | | F |
| Idanha-a-Velha | F | | | |
| Madalena (Tomar) | S | | | |
| Mata (Castelo Branco) | F | | | |
| Mogadouro | F | | | |
| Pena Garcia | F | | | |
| Pinheiro Ázere | | | S | |
| Porrais (Tomar) | S | | S | |
| Póvoa (Castelo Novo) | F | | | |
| Proença | F | F | F | |
| Reigada | F | | | |
| Sabacheira (Tomar) | S | | | |
| Salvaterra do Extremo | F | | | |
| Serra (Tomar) | S | | | |
| Soure | S | S | | S |
| S. Mateus (Soure) | S | | | |
| Vila de Rei | S | | | |

Autoras: Paula Pinto Costa & Joana Lencart - Legenda: F (território de fronteira); S (sede / área principal de implantação original)

A comparação destes resultados com a incidência dos mesmos santos em outras Ordens Militares, nomeadamente, na de Avis que tem a mesma raiz beneditina assumida pelas do Templo e de Cristo, revela uma similitude (Costa; Torres Jiménez; Lencart, 2019). Com efeito, na Ordem de Avis, S. Sebastião é o mais cultuado dos santos pertencentes às categorias em estudo. Este santo guerreiro está documentado em 13 templos e, em termos quantitativos, é seguido de Santiago, com seis ocorrências e de S. Miguel com apenas duas. De S. Jorge não se encontram dados nas visitas da Ordem de Avis, o que se aproxima do baixo número de referências a seu propósito no contexto da Ordem de Cristo. Tendências semelhantes entre estas duas instituições religiosas repetem-se ao nível dos mártires, destacando-se Santa Catarina, S. Brás e S. Pedro. No entanto, há um contraste em termos da categoria dos templos em que aparecem inseridos. Enquanto na Ordem de Cristo prevalecem nas igrejas, na de Avis o protagonismo recai sobre as ermidas, espelho de uma devoção de timbre mais popular. Este tipo de constatações é bastante sugestivo e carece de outros estudos que incidam também em outras Ordens (Mata, 2005: 1-16; Costa; Rosas, 2016: 71-92) e explorem e complementem estas sugestões.

Conclusão

No conjunto dos 108 templos alvo de visita pela Ordem de Cristo entre 1462 e 1536, as referências a santos guerreiros e a mártires correspondem a cerca de um terço do total das invocações. A Ordem de Cristo tinha outras formas de expressar a espiritualidade guerreira que assumira desde a sua fundação como a sua matriz definidora. O tempo puro e duro da guerra (e, em concreto, da guerra de reconquista) já tinha passado e, por isso, a guerra já não era um modelador constante do quotidiano das Ordens Militares. No entanto, entre os séculos XV e XVI, as Ordens Militares davam ecos de perpetuar tradições devocionais já antigas e que, na raiz, poderiam não ter resultado de escolhas das próprias Ordens. Estas, quando recebiam igrejas ou ermidas, não lhes mudariam os oragos, a não ser em situações excecionais.

A abrangência da classificação que fizemos, incluindo, para além dos santos guerreiros, aqueles que ficaram conhecidos por terem sido mártires mostrou-se útil. Nas igrejas, capelas e ermidas da Ordem de Cristo aparecem com frequência lado a lado representantes destes dois universos devocionais. Os mais comuns eram S. Sebastião, Santa Catarina e S. Brás e aparecem associados sobretudo a altares laterais dos edifícios de culto. A centralidade do altar-mor é reservada quase sempre a Santa Maria e a outras personagens maiores da Igreja, por norma com grande ligação a Cristo, como é o caso de S. Pedro e de S. João Batista. No entanto, esta organização do espaço de culto não implica uma secundarização dos santos guerreiros e dos santos mártires no plano devocional. Falamos de uma “sociedade organizada para a

guerra” na já antiga expressão de Hilda Grassotti (Grassotti, 1981: 73-80), que se projetava também ao nível da oração.

Tendo em conta uma cronologia que medeia entre 1462 e 1536, delimitada pelas fontes documentais relacionadas com os processos de visitação a que temos acesso, identificamos os oragos e os santos que povoavam o interior dos templos administrados pela Ordem de Cristo. Embora com rigor se tratem apenas de 74 anos, acreditamos que os dados subjacentes a este estudo reflitam uma realidade que se enquadra num arco temporal muito vasto, na medida em que a tradição devocional tem tendência a preservar-se. Em última análise estamos perante o que resta de um tempo muito anterior e da adaptação que esses templos foram sofrendo. Nesses espaços tinham lugar transformações físicas, decorrentes tanto da sua própria degradação, bem como do espólio que existia no seu interior, como da intervenção humana na procura das mais diversas soluções que dessem vida a esses lugares e que favorecem a identificação das pessoas que os frequentavam.

A par das manifestações da piedade devocional, usando os oragos e santos como indicadores privilegiados, seria muito interessante saber se eram tomadas medidas que a reforçassem. Entre elas, o questionário pode incluir esforços catequéticos, sermões e homílias, orações coletivas, procissões, festividades, milagres, relíquias e santorais. Infelizmente, nas fontes documentais disponíveis não se encontram elementos que sustentem respostas minimamente seguras. Em complemento, os patronos de hospitais e de confrarias, enquanto aglutinadoras até de grupos socioprofissionais, que funcionavam no quadro institucional da Ordem de Cristo, seriam também fundamentais no âmbito da problematização da questão central deste trabalho. A distinção entre a devoção dos freires e a devoção dos fiéis que frequentavam essas igrejas, capelas e ermidas também se refletiria nas próprias manifestações de culto, sem que se consiga, hoje em dia, alcançar uma imagem clarividente desta questão. Há, porém, um indício que pode vir a ter algum significado e que consta da supremacia das igrejas dedicadas a santos guerreiros e a mártires face às ermidas e às capelas que invocavam esses mesmos santos no contexto da Ordem de Cristo. Assumindo que as ermidas eram mais ligadas à devoção popular, a devoção guerreira pode estar mais próxima das opções dos freires e da Ordem enquanto instituição.

Do ponto de vista ideológico, o santoral como espelho, ainda que parcial, da espiritualidade devocional da Ordem de Cristo, resultou de enquadramentos tão diversos como a herança da Ordem do Templo, por via da incorporação de igrejas, capelas, ermidas, confrarias, ou como a reconquista territorial ou a expansão marítima que podem ter impacto no ambiente devocional. No domínio das representações e da religiosidade, os dados que se conseguem extrair das visitasões que se conhecem sobretudo para os séculos XV e XVI são muito interessantes e convidam o historiador a fazer reflexões cada vez mais profundas e articuladas em função dos dados que as fontes nos proporcionam.

Referências

Fontes

As Gavetas da Torre do Tombo (1962), vol. II. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.

Dias, P. (1979). *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510. Aspectos artísticos* (pp. 3-192). Coimbra: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Monumenta Henricina. (1960 e 1971). Vol. I e XII. Lisboa. Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

Tombos da Ordem de Cristo: Comendas da Beira interior centro (1508). Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2009.

Bibliografia

Barroca, M.J. (2000). *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: http://catalogo.up.pt/F/?func=direct&doc_number=000695614&local_base=FLUP

Costa, P. P. (2012). As visitasões: as Ordens Militares portuguesas entre poderes?. In Fernandes, I.C. (coord.). *Freires, Guerreiros, Cavaleiros*, vol. 2. (pp. 415-437). Palmela: Câmara Municipal.

Costa, P. P. (2015). Enquadramento espiritual e devocional dos freires e fregueses das Ordens Militares no quadro de Cister (visitações e textos normativos). In Carreiras, J.A.; Ayala Martínez, C. (eds.). *Cister e as Ordens Militares na Idade Média - Guerra, Igreja e Vida Religiosa* (pp. 155-193). Tomar: Studium Cistercium et Militarium Ordinum. Disponível em: http://catalogo.up.pt/F/?func=direct&doc_number=000828316&local_base=FLUP

Costa, P. P. (2019). Reflexos em Portugal de um ‘mundo’ em mudança: a origem da ordem de Cristo no século XIV. In Guinot, E.; Andrés, F.; Cerdá, J.; Pardo, J. F. (edits.). *Santa María de Montesa. La Orden Militar del Reino de Valencia. Siglos XIV-XIX* (pp. 73-87). Valencia: PUV.

Costa, P. P.; Pimenta, M.C. (2009). A cruzada e os objectivos fundacionais das Ordens Religioso-Militares em Portugal. *Revista Portuguesa de História*, XL, 273-284.

Costa, P. P.; Rosas, L. (2016). A Calendar of Sixteenth-Century Judicial Holydays: Rule, Spirituality and Devotion. *The Journal of Religious History, Literature and Culture*, vol. 2, nº 1, 71-92. Disponível em: <http://www.ingentaconnect.com/content/uwp/jrhlc/2016/00000002/00000001;jsessionid=bf5rpe2f89mqa.x-ic-live-03>

Costa, P. P.; Torres Jiménez, R.; Lencart, J. (2019). Patron Saints of the temples of military orders in Castile and Portugal (1462-1539). In Morton, N. (ed.). *Piety, Pugnacity and Property. The Military Orders*. Vol. VII. London: Routledge.

Fernandes, I. C. (2010, coord.). *Ordens Militares e religiosidade. Homenagem ao Professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal.

Grassotti, H. (1981). “Facere guerram et pacem”. Un deber del que no estaban exentas las Órdenes Militares. In *Las Ordenes Militares en la Peninsula durante la Edad Media. Actas del Congreso Internacional Hispano-Portugues* (pp. 73-80). Barcelona.

Jensen, K. V. (2014). *A Cruzada nas Fronteiras do Mundo. Portugal e a Dinamarca desde cerca do ano mil até cerca de 1250*. Lisboa: Chiado Editora.

Lencart, J. (2018). *Pedro Álvares Seco: a retroprojeção da memória da Ordem de Cristo no século XVI*. Porto: Faculdade de Letras do Porto. Disponível em: http://catalogo.up.pt/F/?func=direct&doc_number=000872197&local_base=FLUP

Mata, J. S. F. (2005). A devoção e a memória do patrono da Ordem de Santiago nas suas comendas em finais do século XV e na primeira metade do século XVI. In *I Congresso Internacional Sobre Etnografia* (pp.1-16). Póvoa de Varzim: Câmara Municipal.

Monteiro, J. G. (2003). *Aljubarrota 1385: a batalha real*. Lisboa: Tribuna da História.

Monteiro, J. G. (2017). *Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal, santo. Os três rostos do Condestável*. Barcarena: Letras & Diálogos.

Riley-Smith, J. (2009). *What Were the Crusades?* 4ª edição. S. Francisco/ New York: Ignatius Press/ Palgrave Macmillan.

Silva, I. L. M. S. (1997). *A Ordem de Cristo sob o Mestrado de D. Lopo Dias de Sousa. Militarium Ordinum Analecta* (pp. 5-126), 1. Porto: Fundação Engº António de Almeida. Disponível em: <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/militarium-ordinum-analecta-n.o-1>

Costa, Paula Pinto & Lencart, Joana
Da violência ao culto:
santos guerreiros e mártires na espiritualidade devocional da Ordem de Cristo (1462-1536)
www.revistarodadafortuna.com

Silva, I. L. M. S. (2002). *A Ordem de Cristo (1417-1521)*. *Militarium Ordinum Analecta*, 6. Porto: Fundação Engº António de Almeida. Disponível em: <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/militarium-ordinum-analecta-n.o-6>

Torres Jiménez, R. (2005). La influencia devocional de la Orden de Calatrava en la religiosidad de su señorío durante la Baja Edad Media. *Revista de las Órdenes Militares*, 3, 37-74.

Recebido: 30 de abril de 2019

Aprovado: 09 de julho de 2019